

*O falante, o linguista e uma antropologia na linguagem: uma homenagem ao Professor Valdir do Nascimento Flores*

## A pessoa e suas máscaras: observações sobre o desenvolvimento da noção de pessoa e sobre sua etimologia na história da língua grega<sup>1</sup>

La personne et ses masques : remarques sur le développement de la notion de personne et sur son étymologie dans l'histoire de la langue grecque

**Françoise Létoublon**

Université Stendhal

Tradução de **Gabriela Da Costa Franarin**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão de Tradução de **Sandra Dias Loguercio**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão de Tradução de **Silvana Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** Apresentamos ao linguista brasileiro interessado em uma perspectiva antropológica de linguagem a tradução do texto de Françoise Létoublon sobre a noção de pessoa e sua etimologia na história da língua grega. Essa discussão pode servir para desmistificar certas leituras de que a noção de pessoa adviria diretamente do sentido de “máscara” (teatro grego). A autora advoga, assim, uma leitura mais ampla do desenvolvimento dessa noção, capital para os Estudos Enunciativos.

**Palavras-chave:** Pessoa; Grego; Antropologia da linguagem

<sup>1</sup> Autoria de Françoise Létoublon (Universidade Stendhal (Grenoble 3), Centro de Estudos Homéricos). Originalmente publicado em: *Faits de langues*, n. 3, Mars 1994. *La personne*. pp. 7-14. [https://www.persee.fr/issue/flang\\_1244-5460\\_1994\\_num\\_2\\_3](https://www.persee.fr/issue/flang_1244-5460_1994_num_2_3). A presente tradução foi autorizada pela autora.

Recebemos a noção de pessoa, objeto deste e de outros debates, como termo dos gramáticos gregos<sup>2</sup>. Mas os gramáticos gregos não construíram a sua terminologia do nada. É por isso que, neste artigo, eu gostaria de examinar brevemente, a partir da análise dos empregos do termo que eles adotaram como termo técnico, πρόσωπον, como a pessoa gramatical se afasta progressivamente em grego da noção essencial de “rosto”, “figura humana”. Em resumo, são os fundamentos antropológicos da noção, tal como foram concebidos inicialmente – o que é necessário para a elaboração de uma terminologia gramatical – que me interessam neste trabalho.

A origem latina de *persona*, “máscara de teatro”, a *persona* > *pessoa*, no sentido de pessoa gramatical, me parece ter produzido no público, mesmo nos linguistas, um efeito perverso, ou ao menos uma ilusão: acredita-se frequentemente que a noção de pessoa gramatical provém diretamente do nome da máscara e da experiência do teatro. Procurarei mostrar que a “pessoa”, na gramática, antes de estar associada ao personagem de teatro, se relaciona à experiência coletiva do face a face com alguém, ao encontro do outro, e à descoberta nele de um outro si próprio. Na verdade, antes da *persona* dos gramáticos romanos, os gramáticos gregos utilizavam o termo πρόσωπον<sup>3</sup>, que os gramáticos latinos transcreveram pelo termo citado.

## Do rosto ou da máscara à pessoa: o prosôpon grego e a persona romana

O termo grego πρόσωπον ainda designa, no período arcaico, o “rosto”, a figura humana, ou, num emprego na área da arquitetura, a fachada de um prédio<sup>4</sup>. O sentido de “máscara” não parece ter sido comprovado antes do século IV a.C., isto é, bem depois das primeiras ocorrências da palavra. A ordem de aparecimento dos sentidos associados aos diferentes lexemas nos textos<sup>5</sup> certamente não é um critério seguro sobre a origem semântica, mas é o único critério objetivo capaz de sustentar uma história da língua de caráter científico. Assim, deve-se admitir que o sentido de “máscara” pôde se desenvolver a partir do sentido de “rosto”, mas não o inverso. Quanto ao sentido de “pessoa” na gramática, independentemente da paixão dos gregos pelo teatro, não há nenhum indício confiável que assegure que provém da designação da máscara. Na verdade, acredito ser provável uma outra semântica: do rosto à pessoa humana, ao indivíduo e, então, à pessoa gramatical, mais ou menos ao mesmo tempo em que a noção de máscara originava a noção de “personagem de teatro”. Mesmo que faltem provas para comprovar formalmente o sentido de “pessoa humana”, não técnico, ao menos temos alguns depoimentos de um uso quase adverbial da palavra: προσώπῳ, que é

<sup>2</sup> A história da transmissão desta noção será analisada no artigo de Bernard Colombat (*Faits de Langue*, 1994), que é um especialista. Nossos artigos foram redigidos em um espírito de continuidade, mesmo que eles tenham que ser separados em um segundo momento, por razões de clareza.

<sup>3</sup> Ver as referências na *Techne* de Denys de Thrace no artigo de B. Colombat abaixo.

<sup>4</sup> Ver P. Chantraïen, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Todos os exemplos homéricos estão no plural, exceto um.

<sup>5</sup> Até porque os textos conservados poderiam representar apenas uma amostra pouco representativa da língua da época deles.

praticamente um equivalente da nossa locução “pessoalmente/em pessoa”, e que se opõe à ideia de representação por um terceiro. Trata-se de se mostrar “diante dos olhos”, fisicamente.

É a origem do sentido “rosto” da palavra que provavelmente explica toda essa polissemia na Época Clássica e *a posteriori*: a palavra πρόσωπον se decompõe, na realidade, facilmente em um composto por hipóstase de uma preposição, πρός, que significa “diante” e de um substantivo muito antigo de “olho”<sup>6</sup>. A palavra πρόσωπον, significa, então, etimologicamente, em grego, “o que se tem diante dos olhos”, o “cara a cara”, quer se trate de um ser humano ou de um monumento. Quanto ao sentido de “máscara”, pode ser explicado diretamente pelo sentido “diante dos olhos”, mas também se pode levantar a hipótese de uma evolução não tão direta, uma vez que o sentido de “personagem de teatro” está muito bem comprovado, a partir da época alexandrina, ou seja, aparece mais tarde, porém com menos frequência, do que o sentido de “máscara”. Se nos recusarmos a confiar rigorosamente na ordem de aparecimento dos sentidos, podemos supor, a rigor, que a pessoa humana, incorporada no palco por um ator, fez nascer a noção de “personagem”, e em seguida – já que os atores da Antiguidade usavam uma máscara que servia para identificar as personagens como “tipos” humanos (o homem jovem e a menina jovem, o velho, a empregada, etc.) que o nome que fazia referência à sua interpretação de uma ou outra personagem numa peça pode ter se tornado especificamente marca de sua identificação. É provável que essa última hipótese seja puramente teórica, já que não tem base real na história da língua. Nós nos propusemos, de qualquer forma, a desenvolvê-las, não por mero exercício lúdico, mas para ilustrar que as evidências dos lexicógrafos podem ser arbitrárias e perigosas: no palco dramático grego, a passagem do sentido “máscara” para o de “personagem” não nos parece, em todo caso, mais óbvia do que a passagem de “personagem” à “máscara”.

Em contrapartida, em latim, a palavra *persona*, às vezes próxima do etrusco *phersu* (máscara), designa bem na origem a máscara do ator, em seguida o personagem interpretado por esse ator. A noção gramatical de “pessoa” parece se elaborar em Roma a partir da análise do espetáculo de teatro, seguindo um modelo que, aparentemente, a linguística tende a adotar com frequência, por exemplo, quando fala de “papéis” “interpretados” pelos “agentes-atores” de uma frase, ou quando representa uma unidade linguística, frase ou discurso, como um “drama” ou “cena”. Usando o nome da máscara do teatro para expressar a noção gramatical de pessoa, os gramáticos latinos certamente acreditaram traduzir o uso dos gramáticos gregos, já que a palavra grega πρόσωπον, que designa para eles a pessoa gramatical, também designa em grego, na mesma época, “máscara de teatro”. Isso, porém, não implica que a origem tenha sido a mesma para os fatos em grego e em latim. Para resumir o que dissemos, de acordo com as filiações comprovadas pelos textos, as evoluções semânticas podem ser apresentadas da seguinte forma:

<sup>6</sup> Ver Chantraine, *loc. cit.*



“Quem você viu?  
— Ninguém.”

Como explicar essa inversão radical? Os historiadores da língua alegam que há um paralelo com *rien* (nada) que, historicamente, sofreu o mesmo fenômeno de inversão a partir do latim *res* “coisa”. A diferença, porém, é que enquanto *rien* não manteve em francês o seu sentido positivo, *personne* continua presente na língua com sua polaridade permanente, do tudo ao nada<sup>7</sup>.

Até agora tentamos verificar nos usos da língua, respectivamente em grego e em latim, as fontes da aplicação à terminologia de uma palavra do vocabulário comum. Parece que, nas culturas antigas, a terminologia da pessoa baseia-se na noção de “pessoa humana”, seja como ser humano, caracterizado com um rosto, em grego, seja como análogo a um personagem de teatro em latim. Por isso, me parece interessante fazer a pergunta sobre os fundamentos antropológicos da noção de pessoa a partir de Vernant<sup>8</sup>. Na Grécia Arcaica, na época em que πρόσωπον ainda não designa a “pessoa” mas somente a “fachada”, parece, no entanto, que a língua e os textos comprovam uma representação coerente, que somente às vezes é explicitada por textos teóricos mais tardios.

## A pessoa nos primórdios

A classificação das espécies em Aristóteles parece conservar o rosto, o πρόσωπον, como uma característica do ser humano, ἄνθρωπος, que o opõe às outras espécies animais (ζῷα), as que têm (como o homem) uma “cabeça”, κάρη<sup>9</sup>. Para os pensadores gregos, o rosto humano, que implica uma orientação do corpo na dimensão vertical (cabeça: para cima/pés: para baixo) e horizontal (para frente/para trás), ao mesmo tempo, parece estar associado ao fato de ter de permanecer de pé, e a um elemento importante para definir o que poderia ser chamado de “sentido” do homem, a sua tendência ereta: o animal normalmente se move de quatro, não tem πρόσωπον e não fala<sup>10</sup>. Daí a concluir que “permanecer de pé” orienta a espécie humana para o alto e para a espiritualidade, fica fácil, por exemplo, quando se lê a

<sup>7</sup> Sobre *personne* e *rien* em francês, ver G. Moignet, 1973, em particular 166-186.

<sup>8</sup> Vernant, 1973, 1989, 1990. Citaremos também os trabalhos de Detienne, 1973 e Graz, 1960.

<sup>9</sup> Ver HistAn. 1,8, 491b. “A parte abaixo do crânio é chamada de face (ὀνομάζεται πρόσωπον), mas somente em humanos, excluindo outros animais. De fato, não se diz *a face do peixe*, nem de um boi”. Agradeço a L. Danon-Boileau por chamar a minha atenção para a referência que Vernant fez a Aristóteles (1989, 118-119). Segundo a análise de Frontisi-Ducroux (1987, 1991), os monstros também não têm rosto. Talvez seja por essa razão que a Gorgone é sempre vista de frente, monstruosa face sem perfil.

<sup>10</sup> P.A. III, 1, 662 B: “Então, nós tratamos das outras partes da cabeça. Mas no homem, a parte compreendida entre a cabeça e o pescoço chama-se face, nome que, ao que parece, se deve à sua função. Isso porque, como o homem é o único animal que fica de pé, ele é também o único que olha de frente e fala para a frente.”

passagem teleológica em *Das partes dos Animais* de Aristóteles<sup>11</sup> ou de Plutarco, que questiona Sócrates e Platão<sup>12</sup>.

“Tenho um rosto e estou em pé, por isso sou”: assim seria o antecedente grego racionalista do *cogito*, complementado pelos espiritualistas por uma aspiração metafísica. Mas desde a era arcaica também temos por vezes definido o homem pela sua capacidade de representação, pelas suas aspirações religiosas e estéticas. O poeta-filósofo Xenófanés, desde a época arcaica, ridicularizava os deuses antropomorfos de Homero como uma invenção do espírito humano que se satisfaz em criar ídolos semelhantes a si, o que, a seu ver, está na origem tanto da religião como das artes plásticas:

“Se os bois e os cavalos ou os leões tivessem mãos, e fossem capazes de desenhar..., os cavalos fariam imagens dos deuses parecendo cavalos...” (Fr. Diels, VS 15).

A ambiguidade do termo grego πρόσωπον, origem da noção de pessoa, permitiu-nos retornar ao rosto humano como origem da noção de pessoa gramatical para os gregos. A análise de Aristóteles, ao observar a orientação do corpo humano no espaço em três dimensões, permite compreender como o pensamento classificatório grego concebia o rosto como sendo uma característica da espécie humana. Xenófanés, por sua vez, mesmo criticando essa classificação como uma força enganadora, permitiu-nos acrescentar a faculdade de representação, o que há “atrás da cabeça”. São essas concepções que definem o indivíduo humano como exemplar da espécie.

Sem ter o termo específico para designá-la, porém, a língua grega me parece ir ainda mais longe na apreensão da “pessoa” que os filósofos: parece que certos fenômenos estritamente sintáticos comprovados em grego arcaico devem ser explicados pela noção antropológica de “esfera pessoal”, que implica a noção de “pessoa<sup>13</sup>”. A reflexão sobre o nome próprio<sup>14</sup> e sobre a etimologia<sup>15</sup> recorrente em Homero e Hesíodo, e em particular os trocadilhos com o nome de Ulisses na *Odisseia* e a variedade de seus pseudônimos que vai até o de *Pessoa*, no sentido negativo<sup>16</sup>, me parecem mostrar que o pensamento grego percebeu, desde o período arcaico, a importância do nome próprio, que instaura uma relação bi-unívoca com uma pessoa. Além disso, parece-me coerente, conforme essa lógica, que todos os seres do

<sup>11</sup> P.A. 11,10, 655b: “Tal é o gênero humano. Só entre os seres que conhecemos... tem uma parte do divino. ... E, em primeiro lugar, é o único ser em quem as partes naturais estão dispostas na ordem natural: o alto do homem é dirigido para o alto do universo. Com efeito, de todos os animais, só o homem se mantém ereto.”

<sup>12</sup> Plut., *Mor.*, 44, *De l'exil*, 600e: “Porque o homem, como diz Platão, não é uma planta terrestre, voltada para o solo, mas uma planta celeste, uma planta invertida e voltada para o céu, a cabeça, que é como a raiz, mantendo o corpo vertical.”

<sup>13</sup> Ver o “duplo acusativo do todo e da pessoa”, B. Jacquiod, 1989. O acusativo “de relação” é ainda vivo em grego da época clássica: se é verdade que se pode dizer “καλὸς τὴν ψυχὴν” “belo quanto à alma”, “à bela alma”, mas não “\*καλὸς τοὺς φίλους” “belo quanto a seus amigos, aos belos amigos”, esse fenômeno deve ser estudado por uma análise semelhante a do francês em: “se laver les mains” (“se” lavar as mãos) / “laver ses vêtements” (lavar suas roupas).

<sup>14</sup> A palavra ὄνομα designa, no período arcaico, unicamente o nome próprio. Ver a minha resenha de D. Gambarara, *Alle fonti della filosofia del linguaggio*: “Lingua” e “nomi” nella cultura greca arcaica, Roma, Bulzoni, 1984 in HL 15, 1988, 410-416.

<sup>15</sup> O termo composto ἐτυμο-λογεῖν significa “etimologicamente” “dizer as coisas verdadeiras, como elas são”, e emprega-se constantemente no período arcaico para justificar os nomes próprios e para pôr em evidência a relação não arbitrária entre as palavras e as coisas.

<sup>16</sup> Note-se, aliás, que o Ulisses do canto IX de *X Odisseia* nunca disse a Ciclope que seu nome era *Personne* (Ninguém): Ele diz que era o nome que seus pais lhe deram: talvez um hipocorístico, assim como o narrador de *X Ilíada* diz que o filho de Andromaque e Hector tem um nome para os troianos e outro em sua família.

mundo que, por sua singularidade, tenham um nome próprio como o Sol, a Lua, os rios ou as nascentes, as ilhas etc., tenham propensão, em um momento ou outro, ao antropomorfismo, ou pelo menos possam receber o dom da palavra: é que o nome próprio designa a pessoa na sua individualidade irreduzível, como “eu” e “tu”<sup>17</sup>. Desde as personagens da *Odisseia*, que observam a permanência do indivíduo sob as mudanças do tempo e sob os travestimentos<sup>18</sup>, até os filósofos estoicos<sup>19</sup>, esse problema parece ter obcecado o pensamento grego.

Parece-me, finalmente, que os empregos gregos do termo σῆμα [signo], e o trocadilho tão apreciado sobre a equivalência σῶμα σῆμα “o corpo (é um) túmulo” também poderiam ser mencionados para demonstrar que a concepção da pessoa como indivíduo humano na sua particularidade se mantém até a morte: o túmulo com sua lápide que traz o nome da pessoa morta corresponde à preocupação em deixar um rastro<sup>20</sup>. Como a experiência da morte, certamente a do espelho também deve ter desempenhado um papel fundamental na elaboração do conceito de pessoa<sup>21</sup>: ver a si mesmo na água parada ou na pupila de outrem<sup>22</sup>, é se descobrir como pessoa face a um outro, como entidade física dotada da faculdade de representação.

<sup>17</sup> Nota-se, ainda, a tendência dos nomes próprios a conservar durante muito tempo uma forma arcaica de vocativo, emprego privilegiado do próprio nome. Chamar alguém pelo seu nome é designar a pessoa como tal, por exemplo, no célebre início do Banquete de Platão: “ὨΦαληρεὺς... οὗτος Ἀπολλόδωρος”.

<sup>18</sup> Seria necessário citar numerosos episódios: o reencontro de Ulisses com o seu velho cão Argos, Menelaus e Helena reconhecendo as características de Ulisses rejuvenescido no seu filho Telêmaco, um narrador que relata as histórias de Ulisses sobre seus disfarces com os pseudônimos que ele forja.

<sup>19</sup> Sedley, 1982.

<sup>20</sup> Ver Létoublon. O epigrama funerário como gênero literário parece ter origem nessa preocupação, e qualquer artista que queira deixar uma obra para a posteridade testemunha da mesma preocupação de eternizar a sua pessoa.

<sup>21</sup> J.P. Vernant, 1989, 125-129 *sur le miroir*, 165-171 *sur le mythe de Narcisse*.

<sup>22</sup> Ver J. Brunschwig, conferência feita em Grenoble em março de 1993.